CORREIO BRAZILIENSE

ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - **Subeditor:** Marcos Paulo Lima E-mail: *esportes.df@dabr.com.br* Telefone: (61) **3214-1176**

Prêmio Brasil Olímpico

O Comitê Olímpico do Brasil (COB) anunciou os seis concorrentes da categoria melhor atleta do ano do Prêmio Brasil Olímpico 2026. No feminino, Rebeca Andrade concorre com Maria Clara Pacheco (taekwondo) e a Seleção de ginástica rítmica. Entre os homens, Lucas Pinheiro Braathen (esqui alpino), Alison dos Santos (atletismo) e Hugo Calderano (tênis de mesa) lutam pelo troféu. Os vencedores serão anunciados em 2 de dezembro, no Rio de Janeiro.

CONSCIÊNCIA NEGRA Vini Jr., Rebeca Andrade, Alison dos Santos, Isaquias Queiroz e Rafaela Silva representam que o Brasil tem de melhor no esporte. Mas nem as conquistas e o reconhecimento os blindaram ou pouparam pessoas próximas do racismo

Na pele dos CAMPEÕES

VICTOR PARRINI

Caio Gomez



Nove das 15 medalhas individuais do Brasil nos Jogos Olímpicos de Paris-2024 foram conquistadas por atletas negros. No futebol, o país voltou a ter, com Vinicius Junior, um jogador eleito o melhor do mundo pela Fifa depois de 17 anos. Dois universos esportivos distintos e, por vezes, distantes, mas que dizem muito sobre um Brasil cada vez mais preto e protagonista no esporte.

Vinicius Junior, Rebeca Andrade, Alison dos Santos, Isaquias Queiroz e Rafaela Silva representam milhões. São rostos conhecidos, campeões e referências para crianças e jovens que encontram neles a possibilidade de ocupar espaços antes tão distantes. Há muitos outros por aí e tantos mais virão. O protagonismo não termina quando uma medalha é conquistada ou quando um troféu é levantado.

Cinco medalhas olímpicas depois, Isaquias Queiroz ainda tem algo a reivindicar. Não no pódio, onde escreveu seu nome entre os maiores atletas da história do Brasil, mas na forma como é reconhecido. Nascido em Ubaitaba, no interior da Bahia, o canoísta se incomoda quando sua origem regional se sobrepõe à nacionalidade. "Não, eu sou brasileiro. Por que, quando vai fazer uma matéria com o pessoal do Sul, é 'o brasileiro não sei o quê'? Por que quando é baiano tem que ser baiano? Tenho que ser Brasil", questionou ao UOL, em 2020.

A declaração expõe o incômodo com uma distinção que reforça estereótipos e evidencia como a identidade também é atravessada pelo preconceito. Em outra ocasião, Isaquias foi ainda mais direto ao falar sobre a questão racial: "Não existe moreno. Se vivesse na época da escravidão, era escravo". Aos 32 anos, o baiano segue ampliando uma trajetória histórica. Neste ano, alcançou a 15ª medalha em Campeonatos Mundiais e permanece entre os principais nomes da canoagem mundial.

Isaquias Queiroz é a principal ameaça ao trono de Rebeca Andrade como maior medalhista olímpica da história do Brasil. Apenas um pódio os separam. Mas, para além dos números, a ginasta de Guarulhos, na Grande São Paulo, carrega uma conquista que ultrapassa as competições: tornou-se referência para uma geração de crianças negras que passou a se enxergar capaz.

A consciência racial e a percepção sobre o racismo acompanham Rebeca Andrade desde a infância. Embora não tenha sido alvo direto de ataques naquele período, a ginasta sentiu de perto o sofrimento dos irmãos, vítimas de episódios de discriminação racial. Ver a família passar por essas situações era motivo de tristeza e choro.

A experiência ajudou a construir a maneira como enxerga o preconceito e a importância de combatê-lo. Hoje, como maior medalhista olímpica da história do Brasil, também reconhece o peso da representatividade. Inspirada por Daiane dos Santos, primeira brasileira campeã mundial de ginástica artística, tornou-se referência. Em 2026, Rebeca retornou às competições após quase dois anos e mostrou por que é a menina dos olhos do Brasil. Voltou como se nunca tivesse ficado longe, com ouros pan-americano e mundial no salto, além de protagonizar, em Brasília, o movimento de maior nota do ano.

Tranças, black power e diferentes penteados ajudam a compor a imagem de Alison dos Santos, o Piu. Mais do que uma marca de estilo, a estética negra carrega símbolos de identidade, ancestralidade e afirmação. Aos 26 anos, o paulista de São Joaquim da Barra também faz da pista um espaço de protagonismo. Em 2026, viveu a temporada mais vitoriosa da carreira: estabeleceu o recorde mundial dos 400m com barreiras, com 45s80, conquistou o tricampeonato da Diamond League e venceu o Mundial de Atletismo Ultimate, em Budapeste. É o primeiro brasileiro a deter o recorde mundial adulto em uma prova de pista do atletismo.

O reconhecimento internacional, porém, não o livrou de uma situação de constrangimento no próprio país. Em janeiro de 2023, quando dirigia pela Avenida Ibirapuera, na zona sul de São Paulo, Alison foi abordado por policiais militares armados. Mandado a sair do carro, colocou as mãos na cabeça, foi revistado e questionado sobre antecedentes criminais. Enquanto passava pela abordagem, pessoas que transitavam pela avenida o reconheceram e o cumprimentaram pelas conquistas esportivas. O episódio expôs uma contradição: mesmo sendo um atleta que representa o Brasil no cenário mundial, Alison não estava livre de ser tratado sob suspeição.

Aos olhos de quem vê de fora, vir da Cidade de Deus nem sempre é motivo de orgulho. O endereço, muitas vezes, vem acompanhado de estigmas e preconceitos. É de lá que vem Rafaela Silva, judoca que transformou o caminho entre a comunidade da zona oeste do Rio de Janeiro e o pódio olímpico em uma trajetória de conquistas. Em 2016, diante da torcida brasileira, tornou-se campeã olímpica nos Jogos do Rio. Dois anos depois, porém, viveu uma situação que expôs os limites desse reconhecimento.

Ao voltar para casa de táxi, Rafaela foi abordada por policiais militares na Avenida Brasil. Segundo relato dela, os agentes só mudaram a maneira de tratá-la depois que o motorista informou que ela era a campeã olímpica do judô. A medalha não havia sido suficiente para afastar a suspeita. A Polícia Militar do Rio, na ocasião, negou que a abordagem tivesse motivação discriminatória e afirmou que a ação fazia parte do policiamento preventivo. O episódio, no entanto, reforçou uma realidade que Rafaela conhece desde cedo: o preconceito não desaparece com as conquistas.

Em 2012, após ser eliminada nos Jogos de Londres, a judoca também foi alvo de ataques racistas nas redes sociais e chegou a pensar em abandonar o esporte. Voltou ao tatame, conquistou o ouro olímpico quatro anos depois e se tornou uma das maiores referências do judô brasileiro. Em 2026, uma década após o título nos Jogos do Rio, segue colecionando resultados expressivos. Na categoria até 63kg, conquistou o ouro no Grand Slam de Paris e no Grand Prix de Linz, a prata no Campeonato Pan-Americano Sênior e o bronze no Grand Slam de Astana. Uma trajetória que não se resume às medalhas, mas também à resistência de quem continua ocupando espaços.

O futebol deu a Vinicius Junior projeção mundial. O racismo, porém, fez com que a voz dele ultrapassasse as quatro linhas. Revelado pelo Flamengo e protagonista do Real Madrid, o atacante brasileiro se tornou um dos principais símbolos da luta antirracista no esporte. Na Espanha, passou a conviver com insultos racistas em estádios e episódios de discriminação que ganharam repercussão internacional. Em março de 2024, durante entrevista coletiva antes do amistoso entre Brasil e Espanha, em Madri, não conteve as lágrimas ao falar sobre o desgaste provocado pelos ataques. Admitiu que sentia cada vez menos vontade de jogar e lamentou a falta de punições.

A luta, como explicou, não era apenas pessoal. Vini afirmou que também falava por milhões de pessoas negras que enfrentam o preconceito diariamente e pelo irmão mais novo, para que ele não precisasse passar pelas mesmas situações. Naquele momento, assumia uma responsabilidade que ia além dos gols e títulos. Mesmo diante do desgaste, decidiu permanecer na Espanha e seguir no Real Madrid, sem permitir que os racistas determinassem o futuro dele.